

O QUE NOS QUER DIZER A CRISE GREGA? DESDOBRAMENTOS DA CRISE *SUB-PRIME* EM 2008

What does the Greek Crisis Mean? Consequences of the
2008 Sub-Prime Crisis

Marcos Costa Lima¹

Os desdobramentos da crise da *sub-prime* na Grécia evidenciam que esta veio para durar e suas implicações têm inúmeras ramificações algumas ainda pouco nítidas. Muitos analistas que tratam superficialmente do assunto, sobretudo aqueles do *mainstream*, querem olhar apenas para o curto-prazo, sem atinar para as verdadeiras causas do processo. Em sentido contrário, François Chesnais (2010) nos apresenta um artigo onde denuncia a real dimensão do iceberg. Para ele é a dívida pública dos países europeus que está na raiz do processo, o que ele chama de *submissão voluntária* dos governos perante os grandes bancos, fundos de investimento e seguradoras. A dívida pública se origina no baixo nível da arrecadação e débil progressividade da capacidade fiscal direta, consubstanciados no imposto de renda, no capital e ganhos das empresas e na evasão fiscal. Ou seja, os governos começam emprestando aos mesmos a quem renuncia de cobrar impostos, antes de eximir-los do pagamento dos impostos. Como nos afirma o autor de *A Mundialização do Capital*, “a desregulamentação financeira incrementada pela euforia dos anos 2000 acentuou efeitos de um fisco favorável ao capital e à evasão para os paraísos fiscais²”. O problema é que com a queda na arrecadação o Estado passa a recorrer, por um lado, cada vez mais aos cortes nos gastos sociais e mesmo de redução do contingente de funcionários públicos ou ainda

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE. Coordenador do Núcleo de Estudos Regionais e do Desenvolvimento/CNPq/UFPE.

² Op.cit,2010

desmontando os estatutos dos mesmos, a exemplo do aumento da idade teto para a aposentadoria; e por outro, a emitir dívida.

Há no trabalho de Chesnais uma tabela muito ilustrativa do crescimento da dívida pública dos países da Zona Euro, enquanto percentual do Produto Interno Bruto, da qual destaco aqui apenas parte dos dados, que são reveladores da frágil situação vivida pela região.

Os elementos que para Chesnais tornam essa dívida grega “odiosa” são três: a corrupção massiva no governo; a compra de armamentos mesmo quando a situação do país já era de grande fragilidade e os gastos improdutivos.

È justo perguntarmos por que um país com tamanha dificuldade em suas contas esteve, entre 2005 e 2009, como um dos cinco maiores importadores de armas da Europa³.

A compra, só de aviões de combate representou por si só, 28% do volume das importações do país. Este processo de endividamento para compra de armamentos foi denunciado pelo Euro-deputado ecologista Daniel Cohn-Bendit, como uma “euro hipocrisia”, pois se os demais países europeus falavam da quebra de confiança do governo grego numa ponta, na outra estimulavam o país a fazer compras de seus arsenais, que beneficiavam, sobretudo, a França, a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos.

³ Ver <http://www.sipri.org/yearbook>.

Tabela 2

Dívida Pública dos países da zona Euro em % do PIB

	2007	2009
Bélgica	84,0	100,9
França	81,7	63,8
Alemanha	65,1	78,7
Grécia	94,8	115,0
Itália	103,5	116,0
Portugal	63,5	81,5
Zona Euro	63,2	83,6

Fonte Eurostat

A indignação, os prazos e medidas dadas pelo Banco Central Europeu, para que a Grécia faça seu ajuste, não se justificavam, pois o Banco foi omissivo quando da compra de armamentos⁴. Ademais, recentemente, o presidente do Bundesbank, Axel Weber, reconheceu que o ajuste grego será um processo doloroso e que não perdurará menos que uma década. Segundo Jonathan Fenby (2010), a crise grega demonstrou que o processo Unionista europeu não representa tudo e que ser membro da Zona Euro não protege os estados mais fracos das pressões da finança internacional. Para ele, o pacote de resgate da Grécia terá um efeito limitado a 2 ou 3 anos, com a possibilidade de posterior re-escalonamento da dívida, uma situação desagradável para os Bancos Europeus que detêm os papéis do governo grego, sem mencionar a forte exposição dos demais países, como a Espanha, Portugal, Hungria, Romênia e mesmo a França. No turbilhão da Crise a ausência de um projeto político comum por parte da União Européia ampliará as incertezas, quando a suposta defesa de uma boa governança europeia foi posta em suspeição. Jean Pierre Lehman (2010), um dos coordenadores do Evian Group, chega mesmo a dizer em tom pessimista e alarmista que o caso grego pode ser uma preliminar da dissolução total da União Européia. Ele afirma que “a crise

⁴<http://azimutesnortadas.wordpress.com/2010/06/08/a-crise-grega-europeia-na-perspectiva-de-daniel-cohn-bendit/> acessada em 15 de junho de 2010.

grega pode causar a erosão, possivelmente, a destruição do ideal da União Européia, e talvez muito mais preocupante, demonstre que o ideal já não existe mais”.

As medidas negociadas pelo governo grego com o FMI e o Banco Central Europeu incluem um pacote draconiano de medidas: i) o congelamento de salários e aposentadorias da função pública durante 5 anos e a retirada do equivalente a dois meses do salários para os funcionários públicos; ii) o tempo de trabalho para se ter direito a uma aposentadoria será elevado de 37 para 40 anos em 2015. iii) O estado grego reduzirá em 1 bilhão e meio de euros o seu gasto em educação e saúde. São medidas que vão provocar a pauperização e a recessão na Grécia (Chesnais, 2010).

Fala-se hoje em retorno ao Keynesianismo, mas a meu ver ainda é muito cedo. As medidas tomadas pelos países centrais aconteceram como medidas emergenciais, ode os governos atuaram como apagadores de incêndio. Não se deve esquecer que os mercados são criações do Estado através dos títulos do tesouro. Ao mesmo tempo, também é precipitado afirmar que a hegemonia dos Estados Unidos está em declínio final, pela força industrial, tecnológica e militar que ainda dispõem, pela capacidade do dólar como moeda⁵ de conversibilidade plena. O que se pode dizer, sim, é que esta crise necessariamente exigirá reformas do capital e, um retorno ao capitalismo financeiro tal qual operou desde os anos 80, tende a ser improvável, esperando-se mais controle, mais regulação, maior força de alguns países emergentes no cenário geopolítico mundial. A superação da crise será dolorosa e atingirá principalmente os que vivem de salário. A força do impacto que aponta para processos de deflação nos mercados afluentes serviu como efeito demonstração, seja dos malefícios de políticas neoliberais, seja da ingovernabilidade de um regime de acumulação a dominância financeira, do capital rentista.

⁵ A composição das reservas mundiais ao final de 2008 era de US\$ 6 trilhões e 713 bilhões, sendo 40,07% em dólares ou US\$ 2.690 bilhões; 16,63% em Euros ou US\$ 1.117 bilhões; USD 172 bilhões em Libras Esterlinas e US\$ 138 bilhões em Ienes (Valor, 2009c).

REFERÊNCIAS

CHESNAIS, F, “La deuda odiosa de Grecia” *Publicado el 17 de mayo de 2010 en el sitio internet de Carré Rouge (<http://www.carre-rouge.org/spip.php?article311>). También em revista Herramientas, n° 44.*

FENBY, Jonathan, “Greek Crises and the Future of the Europe Union”. In: Yale Global, 5th may, 2010.

LEHMAN, Jean-Pierre, “Mistrust threatens cooperation among nations and Europe Union survival” In: Yale Global, 7 May 2010.

RESUMO

Os desdobramentos da crise da *sub-prime* na Grécia evidenciam que esta veio para durar e suas implicações têm inúmeras ramificações algumas ainda pouco nítidas.

A dívida pública dos países europeus está na raiz do processo, fortalecida por uma *submissão voluntária* dos governos perante os grandes bancos, fundos de investimento e seguradoras. A dívida pública se origina no baixo nível da arrecadação e débil progressividade da capacidade fiscal direta, consubstanciados no imposto de renda, no capital e ganhos das empresas e na evasão fiscal. A corrupção dos governos também interfere no processo. O artigo pergunta por que um país com tamanha dificuldade em suas contas esteve, entre 2005 e 2009, como um dos cinco maiores importadores de armas da Europa. E mais, por que o Banco Central Europeu fez vista grossa à compra de armamentos. A superação da crise será dolorosa e atingirá principalmente os que vivem de salário.

PALAVRAS-CHAVE

Crise da Grécia; Europa em Crise; Contradições na União Européia; prejuízo aos trabalhadores.

ABSTRACT

The recent unfolding of the sub-prime crisis in Greece has shown that this has to last and its implications have many ramifications, some still unclear. The public debt of European countries is at the root of the process, strengthened by a voluntary submission of governments towards the big banks, investment funds and insurers. The debt stems from the low level of tax revenue, weak progressivity of direct fiscal capacity, embodied in the income tax, capital gains of business and tax evasion. The corruption of the government interferes in the process. The article asks why a country with such difficulty was in their accounts between 2005 and 2009 as one of the five largest importers of weapons from Europe. Plus, why the European Central Bank turned a blind eye to arms purchases. Overcoming the crisis will be painful and will hit mostly those who live from paycheck.

KEYWORDS

Crisis in Greece; Europe in Crisis; Contradictions in the European Union; injury to workers.